

Uma Superpotência das Tecnologias de Informação

Rani Singh

No último ano, os lucros da indústria indiana de Tecnologias de Informação aumentaram em 53 por cento. Os seus técnicos são cada vez mais procurados por outros países. Várias empresas indianas já estão cotadas no NASDAQ. Neste domínio, é já o Oriente que dá as cartas.

O país de mil milhões de habitantes apresenta-se como líder no campo da engenharia de "software" e serviços relativos às redes de comunicação. As multinacionais voltam-se para a Índia, e consultores da maior democracia do mundo são agora solicitados para todos os cantos do globo.

A indústria das Tecnologias da Informação (TI) da Índia facturou 5,7 mil milhões de dólares norte-americanos em 2000, o que representa um aumento de 53 por cento face ao ano anterior. E tudo indica que 2001 irá assistir a mais um aumento recorde, de acordo com dados da NASSCOM, a Associação Nacional de Companhias de Software e Serviços da Índia.

O Silicon Valley californiano já passou à história. Actualmente é o Oriente que dá as cartas na engenharia de "software", consultoria e tecnologias baseadas nas redes de comunicações. A Índia, com uma boa relação preço-qualidade e excelente distribuição, tem sido um dos locais escolhidos pelas companhias estrangeiras para se estabelecerem (por exemplo, a General Electric possui aí um centro de atendimento e apoio); agora, segundo afirma a NASSCOM, o que está a dar são as exportações de "software" - facturam anualmente para cima de 4 mil milhões de dólares norte-americanos.

Vejamos então o que está a acontecer na Índia e por que razão os seus especialistas em TI estão a ser tão procurados. A resposta não é apenas a competitividade baseada nos baixos preços, pois existe também uma imensa variedade de trabalhadores altamente especializados e disponíveis. Para cada dez que saem do país, há muitos mais que ficam pela Índia - é a opinião do primeiro-ministro Atal Behari Vajpayee, quando recentemente lhe perguntaram acerca de uma possível fuga de cérebros de TI para fora do país. As companhias multinacionais apreciam o valor intrínseco dos consultores indianos. Como faz notar a NASSCOM, estes apresentam um elevado nível de acerto nas previsões, disciplina e capacidade de planear e entregar soluções detalhadas - o que mantém a Índia à frente dos competidores estrangeiros, tais como a IBM e a Accenture.

Actualmente, a Tata Consulting Services (TCS, que em 2000 teve um volume de negócios de 500 milhões de dólares norte-americanos), a WIPRO e a Infosys lideram o principal grupo de exportadores. Nos últimos anos, companhias indianas de "software" foram cotadas no índice bolsista NASDAQ, e as previsões apontam para que pelo menos outras vinte em breve façam o mesmo. O Instituto Americano de Engenharia de Software, que classifica os centros de distribuição com notas de 1 a 5, deu a nota máxima aos onze centros de distribuição da TCS.

O Reino Unido e outros países não se têm poupado a esforços para cortejar especialistas em TI, e, nos últimos meses, um extraordinário número de ministros

britânicos (incluindo Stephen Buyers e Patricia Hewitt) visitaram a Índia. Existe cerca de uma centena de companhias indianas presentes em terras da Grã-Bretanha, que é o segundo país (atrás dos Estados Unidos) que mais recebe peritos em "software" oriundos do Sul da Ásia. O Royal Bank of Scotland, a Reuters, a Tesco, a Standard Chartered, a Prudential, a AIG, a Merrill Lynch e o City Bank of New York são apenas algumas das empresas que procuram ajuda de especialistas indianos. Nas telecomunicações, peritos indianos estão a ajudar a Nokia e a Qwest. O resto da Europa e o Extremo Oriente são também mercados em crescimento.

Visto isto, o que se passa na Índia? As cidades conhecidas como os centros de "e-commerce" são Hyderabad e Bangalore, esta última em especial devido ao facto de ter concedido fortes incentivos aos investimentos de companhias estrangeiras. Para além de escritórios nas duas cidades referidas, a Tata Consulting Services (a maior companhia independente da Ásia no campo dos serviços e "software") também tem centros em Nova Deli, Mumbai/Bombaim (onde fica a sede), Madras, Poone e Calcutá. A TCS declara que a Índia pode produzir consultores de engenharia qualificados, adaptáveis e com cérebros altamente analíticos e matemáticos. Dos 14.500 elementos que compõem a sua força de trabalho (metade dos quais estacionados na Índia), 890 encontram-se actualmente na Grã-Bretanha, outros 800 na Europa continental, 4000 na América, e muitos outros na África do Sul, Japão, Austrália, Nova Zelândia, Singapura e Malásia. Possui um centro de distribuição próximo do "campus" da Microsoft, em Redmond, Estados Unidos. Aliás, a TCS tem 25 escritórios espalhados por toda a América.

A. Laskshminarayan, director da TCS para o Reino Unido e Irlanda, diz que numa indústria em que ficar obsoleto é fatal, o segredo do sucesso da TCS é a formação e estágios que ministra na Universidade de Thiruvananthapuram (especialmente construída para o efeito), onde instalações ultramodernas são utilizadas a toda a hora por 600 pessoas e onde a pesquisa e o desenvolvimento têm um papel fundamental. Todos os empregados passam lá três a quatro meses após acabarem a universidade, e mesmo depois a formação e os estágios continuam.

Laskshminarayan afirma que os seus licenciados têm bons conhecimentos de campos de actividade, serviços financeiros, seguros, negócios e estratégia de alto nível.

Para quem procura postos no estrangeiro, são indispensáveis conhecimentos de gestão de projectos, línguas estrangeiras e cultura geral. Na opinião de Laskshminarayan, existem diferenças culturais entre países e cidades, e mesmo entre firmas dentro de uma cidade. Uma companhia de telecomunicações como a British Telecom funciona de forma diferente de uma empresa financeira como a Morgan Stanley. "Até mesmo a maneira como se entrega um cartão-de-visita é importante", diz Laskshminarayan. "Na América, é perfeitamente aceitável entregá-lo por cima da mesa durante uma reunião. Mas no Japão deve-se entregar o nosso cartão devagar e com as duas mãos, e recebemos o cartão de outra pessoa com as duas mãos, em sinal de respeito."

Enquanto os seus especialistas se preparam para serem colocados no exterior, a Índia afirma-se disposta a tornar-se um peso-pesado das Tecnologias de Informação. Ashok Sancheti, sócio da firma de advogados Morgan Walker, com escritórios no Reino Unido e na Índia, declara que está neste momento a trabalhar em três aquisições de conglomerados britânicos de "software" por parte de companhias indianas. Junte-se a isto o rumor de que a Microsoft se poderá estabelecer em Hyderabad, e torna-se difícil negar que a Índia é já uma superpotência das TI.